

A REVOLUÇÃO NA RÚSSIA [DE 1905]

Piotr Kropotkin

A Revolução Russa recentemente entrou em uma nova fase. A escuridão pendia sobre o país durante os meses de janeiro a abril. Agora, todas as esperanças brilham devido aos resultados inesperados das eleições da Duma, todos a favor dos Radicais. Mas antes de falar sobre as novas esperanças, vamos lançar um olhar sobre aquele terrível período sombrio que o país acabou de viver.

Em cada revolução, é necessário um número de revoltas locais para preparar o grande esforço alcançado pelo povo. Então, assim tivemos isso na Rússia. Tivemos as revoltas locais em Moscou, nas províncias do Báltico, no Cáucaso e nas aldeias da Rússia Central. E em cada uma dessas revoltas, permanecendo locais, foram seguidas por uma repressão terrível.

A Greve Geral, declarada em Moscou em janeiro passado, não se aconteceu. Os trabalhadores haviam sofrido muito durante a grande Greve Geral em outubro de 1905 e as greves parciais que se seguiram. E quando as provocações do governo obrigaram os operários de Moscou a atacar, o movimento não se generalizou. Apenas algumas fábricas na Presnya e em algumas linhas ferroviárias se juntaram a ela. A grande ferrovia Moscou-São Petersburgo continuava a trabalhar, e as tropas eram levadas para Moscou.

Quanto às tropas estacionadas em Moscou, mostraram sinais de descontentamento profundo e, provavelmente, teriam se aliado às massas se a greve fosse geral e uma multidão de 300 mil trabalhadores tivessem inundado as ruas, já que saíram em outubro passado. Mas quando viram que a Greve Geral havia falhado, eles obedeceram aos seus comandantes.

E, no entanto, durante a semana em que um punhado de revolucionários armados - menos de 2.000 - e os trabalhadores em greve na Presnya lutaram contra a artilharia e os soldados, várias milhas de barricadas foram construídas pela multidão - pelo adulto e pelo menino de rua - nesta semana que provava o quão errado eram todos os "revolucionários do lado do fogo" quando proclamaram a impossibilidade da guerra nas ruas em uma revolução.

Quanto aos letônios e os estônios nas províncias do Báltico, a sua revolta contra os seus altivos e rapinas dos proprietários alemães se constituiu num grande movimento.

Em todo o grande país, os camponeses e os artesãos das pequenas cidades se ergueram. Eles davam nome aos seus próprios municípios, expulsando os juízes alemães, se recusando a trabalhar para os patrões, não pagando aluguéis, - continuaram por curto tempo como se estivessem livres. E se sua revolta fosse finalmente afogada em sangue, mostrava que pelo menos aquilo que os camponeses deviam fazer em toda a Rússia. De fato, a insurreição latente ainda continua.

A repressão que se seguiu ao levante foi terrível. A imprensa britânica não contava nem uma décima parte das atrocidades que foram cometidas pelas tropas imperiais nas províncias do Báltico, ao longo da linha ferroviária de Moscou para Kazan, no Cáucaso, na Sibéria ou nas aldeias russas. E quando tentamos dizer a verdade sobre essas atrocidades, seja em uma revisão amplamente lida em inglês, ou antes, através de grandes reuniões públicas, sempre sentimos um muro de alguma oposição inexplicável contra nós. O tratado ou acordo que se concluiu há alguns dias entre os governos da Grã-Bretanha e da Rússia explica agora a causa da oposição à divulgação neste país de fatos abertamente publicados nos jornais russos, e na própria Rússia.

A repressão foi uma história de um assassinato em série, realizado pelas tropas sistematicamente, a sangue frio. A história moderna conhece apenas uma repressão que foi similarmente selvagem: os assassinatos por série do exército da classe média de Paris após a derrota da Comuna, em maio de 1871. E, no entanto, esses assassinatos foram cometidos depois de uma luta feroz, na espalhafatosa luz ardente de Paris.

O destacamento da guarda, que foi enviada ao longo da linha Moscou-Kazan não deu um único tiro disparado contra ela. Os revolucionários já haviam deixado a linha e tinham se dissolvido quando esse regimento chegou. Mas em todas as estações, o coronel Minn, chefe deste destacamento, e seus oficiais, dispararam de dez para trinta homens, simplesmente tirando o nome das listas fornecidas às tropas pela polícia secreta. Eles dispararam sem qualquer simulação de um julgamento, ou mesmo de identificação. Eles dispararam em lotes, sem aviso prévio. Atiraram de qualquer jeito, por trás, aos montes. O coronel Minn atirava simplesmente com seus revólveres.

Quanto aos camponeses das províncias do Báltico, ainda foi pior. Aldeias inteiras foram destruídas. Aqueles homens de um local de senhorios chamariam de "perigosos" os que foram atirados, sem mais perguntas - muitas vezes um filho por ser mais gordo, um irmão pelo outro, um Ivanovsky por um Ivanitsky... Era uma orgia de flagelação e morte que um jovem oficial, tendo executado vários homens dessa forma, se matou no dia seguinte quando percebeu o que tinha feito.

Na Sibéria, no Cáucaso, os horrores eram ainda mais revoltantes. E nas aldeias da Rússia, onde os camponeses tinham mostrado sinais de agitação, as mesmas execuções continuavam, às vezes com uma crueldade inimaginável, como foi, por exemplo, no caso de Tambov, com a ajuda desse governador, Luzhenovsky, a quem a moça heróica Spiridonova morreu.

Quando eu fui para as aldeias e vi os velhos que ficaram loucos depois de terem sido torturados sob os chicotes, e quando eu falei com a mãe da menina que se lançou no poço depois que os cossacos a haviam violado, senti que a vida era impossível enquanto esse homem, Luzhenovsky, ficasse impune.

Assim falou esta moça heroica em seu julgamento.

Mas pior do que isso estava nos comércios. Todo o mundo estremecia quando viram as torturas às quais a Srta. Spiridonova foi submetida pelo policial Zhdanoff e pelo oficial cossaco Abramoff após sua prisão. As torturas de nossos camaradas e irmãos de Montjuich desaparecem diante dos sofrimentos infligidos a essa moça. E em toda a Rússia houve um suspiro de satisfação quando Abramoff foi morto e o revolucionário que matou aquela besta fugiu, e novamente no outro dia, quando se sabia que aquele outro animal, Zhdanoff, havia encontrado o mesmo destino.

A tristeza que prevaleceu na Rússia quando o ministro Witte-Durnovo inaugurou a série de tiros nos rebeldes, não poderia ser descrito sem citar nas páginas dos jornais russos. Mais de 70 mil pessoas foram presas; As prisões estavam cheias até transbordar. Os lotes de exilados começaram a ser enviados, como antigamente, pela mera ordem da Administração, para a Sibéria. Os antigos exilados, retornando sob a anistia de 2 de novembro de 1905, reuniram-se a caminho dos lotes dos exilados de Witte-Durnovo. Os revolucionários de todas as partes do Partido Socialista, dos socialistas revolucionários, dos anarquistas e até mesmo dos socialdemocratas levados a revólver e à bomba, e todos os dias podia-se ler nos jornais russos que um, dois ou mais funcionários da Coroa tinham sido mortos pelos revolucionários em vingança pelas atrocidades que haviam cometido. Grupos de homens e mulheres, como Spiridonova, as irmãs Izmailovitch e tantas outras mulheres e jovens heroicas, sentiram-se doentes com um sistema de regra asiático e faziam o voto de vingança dos verdugos.

Foi sob condições que aquelas eleições para a Duma ocorreram. E agora, os poucos partidários do Czar tinham descobertos que seus sátrapas haviam exagerado na opressão. Várias medidas foram tomadas pelo governo para manipular as eleições de

modo a ter uma maioria esmagadora a seu favor. Os candidatos liberais foram presos, as reuniões proibidas, os jornais confiscados - todo governador de cada província atuava como um sátrapa persa sob sua própria responsabilidade. Aqueles que falavam ou se dirigiam para os candidatos progressistas eram pesquisados e enviados para a cadeia... E tudo isso foi um trabalho perdido!

A reação se desenvolveu nesses três meses, um ódio tão amargo contra o governo, que nenhum dos candidatos da oposição teve chance de ser ouvido e eleito. "Você está contra esses animais selvagens ou a favor deles?" Esta era a única pergunta que era feita.

E os democratas constitucionais obtiveram uma maioria esmagadora na Duma, uma maioria que o governo russo ficou perplexo quanto ao que seria feito em seguida.

Os socialistas revolucionários e os socialdemocratas abstiveram-se de participar das eleições e, portanto, ficaram muito poucos socialistas declarados na Duma. Mas, além disso, a Duma contém todos os radicais da classe média cujos nomes chegaram à frente nos últimos trinta anos como inimigos da autocracia.

O elemento mais interessante da Duma eram os camponeses, que tinham cerca de 120 representantes eleitos. Com exceção de cerca de trinta homens, que de opinião inesgotável, eram os representantes dos camponeses que estavam absolutamente e inteiramente com os radicais mais avançados nas questões políticas e com os trabalhadores socialistas em todas as demandas trabalhistas. Mas, além disso, eles apresentaram a grande questão - o maior de nosso século - a questão da terra.

Quem não trabalha na terra não tem direito à terra. Apenas aqueles que trabalham nela com as próprias mãos, e todos os que assim o fazem, devem ter acesso à terra. A terra é propriedade da nação. E a nação deve dispor de acordo com suas necessidades.

Esta era a sua opinião - a fé deles, e nenhum economista de nenhum campo iria contra.

"Oitenta anos atrás, nos instalamos nessas pradarias", disse um desses camponeses no outro dia. Essa terra era um deserto.

Nós fizemos crescer valor de toda esta região, mas a metade foi tomada pelos proprietários (de acordo com a lei, é claro, mas nós, camponeses, não admitimos que uma lei com essa pudesse ser uma lei, uma vez que é injusta). Foram feitas pelos proprietários - devemos devolvê-la.

"Mas se você pegar essa terra, e há outras aldeias na região que não têm terra senão suas poucas locações, o que fazer então?"

"Então eles têm direito a ela, assim como nós temos. Mas não os proprietários!"

Há toda a questão social, toda a sabedoria socialista, nestas palavras simples.

"Se os camponeses aproveitarem a terra, as mãos operárias das fábricas aplicarão o mesmo raciocínio às fábricas". Exclamaram os correspondentes aterrorizados dos jornais ingleses ao relatar tais simples conversações. Sim, eles vão. Sem dúvida, eles vão. Eles devem. Porque, se eles não fizerem tudo isso, nossa civilização deverá destruir-se e destruídas - como as civilizações romanas, gregas, egípcias e babilônicas foram ao chão.

Outra característica importante. Os camponeses russos não confiam em seus representantes. Esses homens do arado entenderam melhor a essência do parlamentarismo do que aqueles que cresceram gradualmente pelo culto ao Parlamento. A eleição caiu sobre esse ou aquele homem; mas eles sabiam que não deveriam confiar nesse ou naquele. A eleição é como um jogo. E, portanto, vários delegados camponeses agora são vistos nas galerias privadas da Duma russa, que suas aldeias os enviaram para vigiar seus representantes no Parlamento. Eles sabem que esses representantes logo serão mimados e subornados de uma maneira ou de outra. Então eles enviaram delegados - principalmente os mais antigos, respeitados camponeses, que não são bons nas palavras, não são da classe de autopropaganda, na verdade homens que nunca seriam eleitos, mas que honestamente manteriam seus olhos no M.P.s

No entanto, embora a Duma tenha sido por apenas alguns dias, um sentimento geral cresceu na Rússia de que toda essa eleição eleitoral ainda não era o ideal. "O que a Duma pode fazer?" Eles falam por toda a Rússia. "Se o governo não quiser, irá mandá-los embora. Como 500 homens podem resistir ao governo se eles se decidirem enviá-los de volta às suas casas?"

E assim, em toda a Rússia o sentimento crescia de que o Parlamento e seus debates não seriam a coisa certa ainda. Era apenas uma sensação preliminar de que outra coisa que está por vir. "Eles expressarão nossas necessidades, eles concordarão com certas coisas"... Mas um sentimento cresce na Rússia de que a ação terá que vir das pessoas.

E o trabalho oculto, o lento trabalho de amadurecer convicções e de se agrupar, continua em toda a Rússia como uma preparação para algo infinitamente mais importante do que todos os debates da Duma.

Eles nem pronunciam o nome desta coisa mais importante. Talvez a maioria deles não conheça seu nome. Mas nós sabemos disso e podemos dizê-lo. É a Revolução: o único remédio real para a reparação dos erros.

*** Publicado originalmente em *Mother Earth* n° 1, de 5 de julho de 1906, que pode ser encontrado em: <https://libcom.org/library/revoluiton-russia-peter-kropotkin>. Traduzido para o português por Pablo Mizraji. ITHA, 2017.**